

SÉRIE TRAJETÓRIAS

Palestrante: acadêmica Sonia Vieira

Local: Praia do Flamengo, 172/12º

Data: 13 de abril de 2000

Hora: 18h: 30min

Quando Ricardo Tacuchian convidou-me para dar esta palestra sobre a minha vida, confesso a vocês que fiquei muito preocupada. O que falar, por onde começar e como passar a todos não só a Sonia pianista, que é uma parte profunda de mim, mas, principalmente a Sonia humana, atualmente mais carne do que osso...

Decidi então buscar, nestes 55 anos de existência, tudo o que tenha contribuído, de uma forma ou de outra, para me tornar quem sou e percebi que coisas intensamente vividas aos três anos de idade, como a dança e o que então representava para mim estão hoje agregadas à minha maneira de ser e sentir, ao tentar fazer música.

O que foi a dança, em minha vida? Foi meu primeiro encontro com a liberdade de ser e com o ousar, sem agressividade. O bailar pura e inocentemente, sem técnica alguma, sem conhecimento de qualquer espécie, sem medo ou repressões, colocava-me em um autêntico êxtase; era como se eu não pertencesse a este mundo, e estivesse, através de uma magia toda especial, diretamente ligada ao Cosmos. Colocava discos do meu irmão na vitrola de nossa minúscula moradia e pronto: tudo no mundo era possível, bastava eu fechar os olhos e dançar sozinha com o universo, tudo era maravilhoso, não pensava em mais nada, o momento era o suficiente e como era imenso e intenso!!! Seria capaz de ficar dançando para a eternidade, essa era a minha razão de ser. Minha motivação era realmente tão latente que, apesar de nunca chegar a estudar balé, era escolhida sempre, nas escolas onde estudei, para apresentar-me e criar coreografias para festas de fim de ano. Esse meu primeiro amor à dança, virá a se refletir, vida afora, na minha maneira de sentir a música e deixar-me inebriar por ela. Meu caminho era aquele que ela estabelecesse, subitamente, para mim. Lembro-me que a sensação que sentia era idêntica àquela expressa nos desenhos animados, quando um gatinho ou ratinho segue o aroma de uma torta que acaba de sair do forno. E lá ia eu, viajando ao desconhecido.

Pois é, poderia falar horas sobre a felicidade que era vivenciada por mim, com relação à dança, até os onze anos, quando a transferi para a música. Aos onze anos, comecei a estudar teoria musical e de uma forma bastante interessante. Meu pai foi à Escola de Música procurar informações sobre professores que pudessem me preparar para a prova. Indicaram-lhe uma senhora, de nome Auci, que dava aulas no prédio do então Diretório Acadêmico. Eu não sabia absolutamente nada de música. Essa senhora disse ao meu pai que faria um teste comigo, para saber se eu era musical. Levou-me para uma sala, deu-me papel de música e pontificou: ditado, fá maior, seis por oito. Vocês podem imaginar o resultado... Ao sairmos da sala, D. Auci disse ao meu pai: "sua filha não dá para a coisa..." Chorei muito, no momento em que a ouvi dizer essa frase, e ao voltar para casa e contar o acontecido à minha mãe. Momentos como este são extremamente importantes em nossa vida: podem nos destruir ou nos incentivar. A minha opção foi pelo segundo e, a partir daí, decidi estudar música.

Assim, entrei como ouvinte na classe de teoria musical de D. Maria Luíza Priolli, exatamente no dia da primeira prova e consegui, até hoje não sei como, 1,12 como nota. D. Maria Luíza quis falar com minha mãe e pediu-lhe que me conseguisse uma professora particular, para que pudesse acompanhar a sua turma. A professora particular foi D. Juraci Pinto, que dava aulas na Academia Lorenzo Fernández e no Conservatório Brasileiro de Música. Os meus sábados, a partir de então - graças à bondade de D. Juraci, que passava para me apanhar em casa às 6h 50min. da manhã e levar-me para a Academia - eram fabulosos: assistia a todas as aulas teóricas (do 1º ao 4º ano) na referida instituição até ao meio-dia, quando saíamos para almoçar, geralmente na Confeitaria Colombo, e às duas da tarde chegávamos ao Conservatório, onde ficávamos até às 7h da noite. Assim, desenvolvi a parte teórica, vindo a começar o piano seis meses após.

O começo do estudo do piano teve um toque lúdico e mágico, para mim. Meu primeiro professor, Allan Kardek Félix de Souza, pessoa extremamente inteligente e sensível, era estudante de música do Conservatório, de dia, e da Faculdade de Direito, no Catete, à noite. Pode-se dizer que respirava música, seu sonho era dedicar-se à composição. Fazia o curso de Direito à noite, apenas para satisfazer seu pai, jamais pretendendo exercê-lo. Assim, assinava presença na Faculdade e logo após ia para minha casa, para fazermos música a quatro mãos, muitas vezes até às 23h. Líamos tudo o que nos passasse pela frente. Aí estava o toque lúdico: não havia nada melhor do que descobrir o que aquelas páginas de música continham! Lembro-me que ele não admitia preguiça da minha parte com relação à leitura. Dizia-me: "você sabe ler notas, sabe ritmo, portanto, leia!" Foi realmente um grande mestre. Graças a ele, a leitura à primeira vista não se transformou em um problema para mim e assim, aos doze anos de idade eu já estava acompanhando a ópera *Otelo*. Tudo era motivo de felicidade: fazer música de câmara com Allan, acompanhar cantores e tocar. Creio que graças a este início não desenvolvi preconceitos musicais: fazer música era meu objetivo e razão da alegria da minha vida.

Meu primeiro concurso de piano aconteceu aos seis meses de estudo, quando concorri com estudantes do ciclo básico até o 5º ano e venci. Da banca participavam, entre outros, Hans Graf da Academia de Viena, Maria Augusta de Menezes Oliva, D' Or (Ondina Dantas, crítica do jornal "Diário de Notícias"), Alcina Navarro, e outros. Foi minha primeira grande emoção. Após este concurso, no decorrer de minha vida de estudante, outros iriam se suceder, bem como vários prêmios de melhor intérprete de música brasileira. É preciso dizer que quando Allan foi viver na Europa, passei a estudar com a professora Maria José Maia, responsável pela minha preparação para o vestibular da Escola de Música, onde vim a graduar-me na classe da inesquecível professora Elzira Amabile, uma humanista, pessoa excepcional.

Ao vencer o VI Concurso Nacional de Piano do Rio de Janeiro, em 1965, pude realizar um sonho há anos acalentado: o de estudar na Europa. Assim, viajei para a Alemanha no início de 1966, sem conhecimento do idioma, para estudar na Escola Superior de Música de Leipzig, com o prof. Heinz Volger. Esta foi outra experiência básica e decisiva em minha vida: conhecer outra cultura, outro povo completamente diferente do nosso. Foi na Alemanha que tive a oportunidade de repensar o Brasil e sua música, e começar a trabalhar em prol de nossa arte. Foi lá que pude perceber a importância de divulgar a nossa cultura, tão forte e intensa, tão especial.

Ao voltar para o Brasil, continuei a tocar e a estudar, dedicando-me a fazer especializações, no campo do folclore e da iniciação musical, bem como o mestrado em piano, na Escola de Música da UFRJ, na classe do professor Heitor Alimonda, com tese sobre as “Características Instrumentais na obra para piano de César Guerra-Peixe”. Aliás, Guerra-Peixe, amigo e professor muito querido, foi de fundamental importância em minha vida. Tive a sorte de conhecê-lo, ao solar o *Concerto nº3*, de Beethoven, com a Orquestra Sinfônica Nacional da Rádio MEC. Desde então ficamos amigos e foi através dele que tive a oportunidade de gravar meu 1º disco "Música Brasileira de Concerto", em 1975, que recebeu o prêmio de melhor disco do ano pela Associação dos Produtores de Discos. Gostaria de ressaltar que os ensinamentos que dele recebi em aulas de harmonia, em conversas informais ao telefone, ou pessoalmente, e ao tocar suas músicas, foram fundamentais e básicos para captar e entender, em um nível mais profundo a música.

A partir daí, fiz inúmeras gravações. Gravei vinte e três discos, dos quais, vinte e dois são dedicados, com muito carinho e amor, à música brasileira.

Quero dizer ainda da emoção de fazer parte da Academia Brasileira de Música, ocupando a cadeira nº 18, cujo patrono é o pianista Arthur Napoleão e fundador o maestro Walter Burle Marx, que tive a honra de conhecer quando dei um recital em Philadelphia, nos EUA.

Para encerrar essa palestra, creio que minha vida pode ser sintetizada numa palavra: amor. Amor à minha família, à humanidade como um todo e, em particular, aos meus amigos, professores e alunos queridos, à ordem que rege o Cosmos e principalmente, à música, responsável por eu estar aqui conversando com vocês. Muito obrigada.

Obras apresentadas:

1. Guerra-Peixe - “Frevo” da *Suíte Nordestina nº2* - Disco Mús. Bras. de Concerto - RCA Victor
2. Canto afro-brasileiro - *O Fulu-Iorerê ê* (Canto de Oxalá) - harmonização de Aloysio de Alencar Pinto - Disco “O Canto da Terra” - cantora Maura Moreira - ProMemus da Funarte
3. J. Guerra Vicente - *Choro*, com o violoncelista Alceu de Almeida Reis - Disco Homenagem a Iberê Gomes Grosso
4. R. Strauss - *Ständchen* - tenor Akeshi Wakamoto - Disco CIC 77 - 8º Concurso Internacional de Canto do Rio de Janeiro
5. Misael Domingues - *Revelação* - Disco Sonia Maria Vieira Revela Misael Domingues - selo independente
6. Ernesto Nazareth - *Confidências* - Disco “Jeito Brasileiro”
7. Ricardo Tacuchian - *Estruturas Simbólicas* - CD “Estruturas” da RioArte/Selo ABM Digital
8. Alexandre Levy - *Tango Brasileiro* - Disco “Jeito Brasileiro” - selo independente
9. Chiquinha Gonzaga - *Poesia e Amor* - teclado, com Igor Levy, flauta e Cristina Braga, harpa - CD “Concerto Natalino”
10. Ronaldo Miranda - *Tango* - CD Sarau de Sinhá